

## PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

### 1

Lá bem no fundo, e mesmo quando, prudentemente, dizem que não, os escritores acreditam no poder da literatura: que a Revolução Francesa foram os enciclopedistas que a fizeram, que certas leis de protecção às crianças se devem aos romances de Dickens e que os livros de Marx... E então escrevem livros com o pensamento de que os leitores, fortemente influenciados, farão isto e aquilo. Acreditam, afinal, na sua grande missão histórica e esperam (esperaram em Portugal durante cinquenta anos) que um dia um capitão ou vinte capitães os leiam. Que os leiam para fazer uma revolução, que os leiam para evitar os fáceis erros.

Brinca não brinca, o romance que hoje se reedita, ao sublinhar que a revolução republicana havia sido perdida, não pretenderia prevenir os leitores (os capitães) de que a futura revolução também poderia ser perdida? Não pretenderia ser lido pelos futuros revolucionários para avisá-los de certos perigos?

### 2

Tal ilusão é certamente ridícula. Ainda que possam ler romances, não é porque os leram que os capitães desencadeiam golpes

militares. Mas, enfim, ter ilusões não é condenável e sem elas não haveria homens de acção. Os próprios Otelos que fizeram o 25 de Abril foram impelidos por certas ilusões — e ainda bem.

## 3

Explicando-me: quando me dispus a reler *As Boas Intenções* já calculava que iria encontrar uma grande dose de involuntária ingenuidade; mas supunha que para além dessa ingenuidade, um pouco óbvia e sem a qual tudo é impossível, encontraria também um livro lúcido — um livro incapaz, claro estava, de levar os homens à prática da revolução, mas capaz de os tornar mais conscientes, o que já não era mau. Digamos: um livro que, fingindo embora debruçar-se sobre o fracasso da revolução republicana de 1910, descreveria, adivinhadoramente, o fracasso da então futura revolução de Abril. Um aviso, em suma.

Mas, concluída a última página, descubro um romance que mais se assemelha a um exorcismo do que a um esforço de entendimento, um livro que é uma tentativa de interferir na História recorrendo a palavras mágicas. Afinal, mas decerto inconscientemente, eu, que me supunha um escritor racional e lúcido, acreditava que bastaria descrever o Futuro de uma certa maneira para que as coisas não acontecessem dessa maneira. Como se a História, como se o Futuro, contra a minha pretensão de os conhecer decidissem desmentir-me.

E assim, em pleno século xx e educado por uma tradição que mergulha as suas raízes no mais puro racionalismo (meu mestre português fora António Sérgio temperado pelo marxismo), eu confundia literatura com magia, e o meu explícito pessimismo racional era um alibi para um emocional optimismo (talvez porque o pessimismo deva considerar-se como uma forma diferente de optimismo, a crença no apocalipse, um disfarçado acto de fé no conseqüente mundo renovado).

Por outras palavras, ao escrever *As Boas Intenções* não era aos futuros revolucionários que me dirigia, antes colocava à minha frente, como interlocutor, a própria História para a desafiar: «Desmente-me, se és capaz!» Esperando, naturalmente, que ela caísse na ratoeira que tão subtilmente lhe armara.

## 4

Se pensas que o Pai Natal vai dar-te um comboio de corda, ele não to dará, se pensas que a História vai dar-te uma revolução triunfante nas suas consequências, ela não ta dará... Finge portanto que não acreditas, espera sem esperar, e assim esconjurarás a obscura maldição que sobre ela pesa.

Bom. Recordando: Concluído em 1963, o meu romance refletia uma situação de desalento — pelo menos para quem não tivesse uma fé muito sólida na «marcha implacável da História», uma História progressista, entenda-se. Para trás, e ainda muito perto, estavam as ilusões frustradas que o movimento popular de Humberto Delgado suscitara e o sobressalto infeliz do golpe de Beja. Morta a crença na possibilidade destruição do regime graças a um grande movimento popular, morta também a crença numa revolta vitoriosa das forças armadas, que nos restava senão uma presumível e dura-doira noite?

Tal era (ou parecia ser) a insuperável contradição: impossível que o regime não viesse a cair mais ano menos ano (nada é eterno), mas impossível também derrubá-lo.

A não ser que houvesse milagres, qualquer coisa que desmentisse o que parecia impor-se ao nosso espírito, à aparente lógica da História (Portugal seria uma exceção na História Universal, aqui e agora, a história seria outra).

Só um milagre, portanto.

É neste contexto, propício à aceitação do irracional (talvez porque o racional estava a ser mal entendido), que o meu romance (como muitos outros) deverá ser sociologicamente encarado. O autor deixou de ter esperanças, convenceu-se de que a História (pelo menos em Portugal) era pérfida, amaldiçoada, e que nada nos poderia livrar do Salazar — que, aliás, cúmulo do desespero, seria imortal. Imortal.

E nessas circunstâncias, se Portugal escapava a toda a lógica, se era uma ilha no desenvolvimento das civilizações, que lhe restava a ele, o autor? E é aqui que entra a superstição inconsciente e que vai fazer de *As Boas Intenções* uma espécie de exorcismo.

Ao descrever (servindo-se do exemplo da derrotada revolução republicana) um futuro desastroso que «pensa» estar já inscrito na ordem dos factos, ele procura obrigar o Futuro a desmenti-lo, como se o Futuro lhe respondesse por palavras e obras: «Ah, tens a ousadia de pretender conhecer-me? Pois bem, enganas-te... Haverá uma revolução e, ao contrário do que sucedeu com o regime republicano, as consequências desta revolução serão vitoriosas...» Superstição, portanto. De qualquer modo, a ilusão de que mediante um romance, que funcionaria como uma reza mágica, seria possível esconjurar os demónios que envenenavam a História de Portugal, Pátria de revoluções perdidas.

Quanto aos leitores, que poderiam eles ter visto n'*As Boas Intenções*? A mesma coisa, decerto (e inconscientemente) — enganados, por outro lado, por uma certa aparência de esperança que nesse romance encontravam. E que, e contra todo o tom do livro, excrescentamente, o autor lá pusera. Porque, apesar de tudo, uma certa dose de ilusões se encontram n'*As Boas Intenções*. Mas isso também era superstição, também era uma tentativa de enganar a História, caso ela não se deixasse iludir pelo método da visão catastrófica. Em resumo, uma tentativa de jogar em todos os tabuleiros. E o

posfácio que aparece na segunda edição não tem outro significado. Aí se sugere que o desenvolvimento progressivo é inevitável, que amanhã cantarão os passarinhos...

## 6

Não é sem um certo desgosto que tiro esta provisória conclusão: a literatura (pelo menos a literatura romanesca ou alguma literatura romanesca) será o equivalente moderno da velha magia, da crença nos poderes ocultos de determinadas palavras quando ditas segundo um certo ritual. A literatura: equivalente moderno da velha magia muito mais do que um esforço de clarificação, de lucidez. E isto, sobretudo, nas épocas sombrias em que a razão perde (ou julgamos que perde) a sua força ou, talvez melhor, em que a razão parece incapaz de compreender o que se passa. Melhor ainda: em que a História parece nada ter que ver com a razão, ao contrário do que acontece no mundo físico (mundo físico, esse, susceptível de ser racionalizado e, portanto, domesticado).

Aliás, se observarmos o que se passou no primeiro ano e meio posterior ao 25 de Abril, na época romântica em que (aos homens progressistas) parecia estarem abertas as portas de um mundo novo de acordo com a razão (uma razão benevolmente considerada, coincidente com as visões de esquerda), verificamos que ninguém se interessou pela literatura, porque a literatura já não era precisa. Na euforia, e com o Futuro no bolso, os homens já não se refugiavam nos exorcismos, precisavam, sim, de esclarecimentos profundamente lógicos (ou que pareciam sê-lo). Quando desejavam ler iam à procura de obras «científicas» de carácter sociológico (possivelmente tão mágicas como a literatura, mas isso é outra questão).

Agora que o nosso país caiu na mediocridade sem esperança, a literatura terá talvez de novo o seu papel. A magia, ainda que

disfarçada, digo. Uma magia que dê aos homens a sensação de que vivem apenas um parêntesis, uma magia que lhes aqueça o coração acerca de um Futuro aparentemente sem saída. Mas que outra coisa poderá fazer a literatura?

7

Digamos que escrevo este posfácio num dia de excessivo pessimismo, em plena crise governamental, e sabendo até que a constituição (pelos vistos tão difícil) de um novo Governo não resolverá a Crise (com maiúscula) e que, à procura de um novo Governo, os partidos (velhas/novas máquinas ancilosadas) perseguem sombras. Sombras, porque são as ideias desses partidos, a maneira como concebem o nosso Futuro, que estão verdadeiramente em crise. E que, enquanto eles (refiro-me aos partidos de esquerda, os outros estão no seu papel) não se debruçarem criticamente sobre essas ideias (como alguns pensadores marginais vêm a fazer há já alguns anos), nenhuma solução é possível, todas as soluções são adiamentos ou caminhadas em linha recta para experiências mais ou menos fracassadas.

8

Releio o que ficou para trás, de novo acreditando que ia encontrar um texto lúcido, e de novo descubro um texto ingénuo que é um acto de superstição. Ao falar da mediocridade sem esperança em que caiu o 25 de Abril (os seus capitães eram dignos de melhor sorte), não continuo a fazer obra de magia, a tentar enganar a História (e com ela os leitores), a tentar que ela desminta o que, sombriamente, me parece inevitável, resultado fatal da nossa incapacidade de cidadãos,

resultado fatal da inconsciência dos nossos políticos — num mundo em que, provavelmente (e aí vai a nota otimista, ou a necessidade de jogar em todos os tabuleiros), nada é fatal?

Janeiro de 1978